

## DE VITÓRIA A BOA VISTA: O QUE OS TÍTULOS DE NOTÍCIAS NOS REVELAM SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA MULHER?

Micheline Mattedi Tomazi<sup>1</sup>  
Luana Santos Azeredo<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo analisa a construção dos títulos de notícias sobre violência contra mulher do Jornal Folha BV *online*, do estado de Roraima. O objetivo é verificar, em uma amostragem de 46 títulos de notícias, se há disseminação de uma ideologia machista e comparar os resultados com os apresentados na pesquisa de Tomazi; Rocha; Ortega (2016) sobre os títulos publicados no jornal A Tribuna. O aporte teórico encontra respaldo na proposta sociocognitiva de Análise Crítica do Discurso (ACD), de Van Dijk (2010, 2012), em diálogo com os modos de operação de ideologia apresentados por Thompson (2002). A metodologia adotada é qualitativa, interpretativa e comparativa com base nos dados apresentados pelas pesquisadoras sobre o jornal A Tribuna em comparação com os dados encontrados no Jornal Folha BV *online*. Os resultados da pesquisa demonstram que a construção dos títulos das notícias, respeitando algumas diferenças nas estratégias utilizadas pelos jornais, prioriza informações irrelevantes e reforça crenças machistas e estereotipadas sobre a posição da mulher na sociedade e, principalmente, sobre sua representação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência contra mulher. Títulos de notícia. Análise Crítica do Discurso.

**ABSTRACT:** This article aims to analyse the construction of the headlines about violence against woman in the online newspaper Jornal Folha BV online of the state of Roraima. The purpose is to verify, considering the amount of 46 headlines, whether there is sexist ideology dissemination as well as the newspaper A Tribuna, as attested by Tomazi; Rocha; Ortega (2016). We chose the sociocognitive proposal of Van Dijk's Critical Discourse Analysis (CDA) (2010, 2012), in dialogue with the modes of operation of ideology presented by Thompson (2002). The chosen methodology is qualitative, interpretative and comparative based on the data present by the researches about the A Tribuna journal in comparison to the data founded in the newspaper Folha BV online. The results of the research show that the construction of the headlines, respecting some differences in the strategies used by each journal, prioritize irrelevant information and reinforce sexist beliefs and stereotyped about the woman position in society, and mostly, about her representation on it.

**KEY-WORDS:** Violence against woman. Headlines. Critical Discourse Analysis.

### Considerações iniciais

A violência contra mulher<sup>3</sup> é um problema mundial, mas, no Brasil, especificamente, esse problema social é muito comum às moradoras dos estados de Roraima e do Espírito

---

<sup>1</sup>Professora Associada da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil, pelo Departamento de Letras (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos). Coordena o Grupo de Estudo sobre Discursos da Mídia (GEDIM/PPGEL/UFES). E-mail: [michelinetomazi@gmail.com](mailto:michelinetomazi@gmail.com).

<sup>2</sup>Graduada pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil, em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. Graduanda em Direito pela Faculdade de Direito de Vitória (FDV).

Santo. Essa realidade pode ser comprovada pelos altos índices de homicídios de mulheres nesses estados, 15,3 e 9,3 mortes a cada cem mil mulheres, respectivamente (WAISELFISZ,2015)<sup>4</sup>. Entretanto, os dados apresentados até 2015 não contemplam o feminicídio, ou seja, a morte de mulheres motivada pela condição de gênero. A Lei 13. 104, sancionada em 2015, ainda no governo de Dilma Roussef, tipificou esse tipo de crime e passou a considerá-lo hediondo (BRASIL, 2015). Se, por um lado, o Brasil possui diversas políticas de proteção à mulher, por outro, o país ainda convive com números assustadores de mulheres assassinadas todos os dias. Além disso, muitos estados não possuem dados de feminicídio e ainda há dificuldades para que a morte da mulher, quando motivada por razão de gênero, receba o registro adequado junto aos órgãos públicos. Como a tipificação só ocorreu em 2015, muitas mortes de mulheres, que seriam tratadas como crimes hediondos, foram apenas registradas como homicídios dolosos. Roraima, em pesquisa divulgada recentemente<sup>5</sup>, registrou em 2018 o maior índice de homicídios de mulheres, sendo 10 a cada 100 mil mulheres.

Cotidianamente, tais casos são reportados aos jornais locais desses respectivos estados, contudo, sabendo que o título é o elemento de destaque na notícia e o primeiro a ser visualizado pelo leitor, cabem-nos as seguintes questões: Como os títulos das notícias descrevem a violência? Como eles apresentam os atores sociais (mulher<sup>6</sup> x homem)? Quais informações são relevantes para o jornal? O que o jornal reforça em termos de conhecimento sobre a violência contra mulher?

O tema da violência contra mulheres tem motivado as pesquisas de Tomazi (2014, 2017, 2019) desde 2012, quando ela iniciou seu grupo de estudos e passou a orientar trabalhos de análise crítica de notícias sobre o tema nos jornais capixabas<sup>7</sup>. Essas pesquisas têm demonstrado que as notícias sobre violência contra mulheres priorizam explicações e

---

<sup>3</sup>Entendemos violência contra a mulher como qualquer ato, com base no gênero, que provoque qualquer tipo de constrangimento ou dano físico, psicológico, sexual, moral ou patrimonial à mulher (Cf. BRASIL. Lei 11.340/06, 2006).

<sup>4</sup> Usamos a versão do Mapa da Violência de 2015 por acharmos que esse documento, diferente dos outros publicados recentemente, trata exclusivamente da violência contra a mulher. Após 2015, não foi publicado novo Mapa da Violência com essa riqueza de detalhes e informações.

<sup>5</sup> Dados apresentados pelo G1 no monitor da violência, disponível em <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2019/03/08/cai-o-no-de-mulheres-vitimas-de-homicidio-mas-registros-de-feminicidio-crescem-no-brasil.ghtml> Acesso em 17/04/2019.

<sup>6</sup> Neste artigo, evitamos utilizar o termo “vítima” porque entendemos, na esteira de Santos e Izumino (2005) que, ao chamar a mulher de vítima, como fazem as notícias dos jornais ao informarem sobre casos de violência doméstica, estamos anulando a autonomia da mulher, pressupondo uma relação de controle, poder e dominação do homem sobre ela.

<sup>7</sup> O grupo a que nos referimos é o Grupo de Estudos sobre Discursos da Mídia (Gedim/UFES), coordenado por Tomazi e cadastrado no Cnpq. As pesquisas desenvolvidas pelo grupo podem ser consultadas na página <http://gedim.ufes.br/dissertacoes-e-teses>

justificativas para os crimes a partir de estereótipos sobre o que é ser mulher e ser homem na sociedade, da classe social dos envolvidos, da apresentação do crime como passional, de fatores externos como bebidas, problemas de saúde e drogas, além da individualização e naturalização do problema, deixando de considerar a violência contra as mulheres como um problema social e de políticas públicas.

Essas questões também motivaram a pesquisa de Tomazi; Rocha; Ortega (2016), que investigaram o que os títulos das notícias capixabas deixam revelar sobre a violência contra mulheres. Ao transmitir a informação, o jornal traz um nível de conhecimento relevante para esse problema social, ou apenas legitima crenças machistas e estereótipos? As autoras selecionaram cinquenta<sup>8</sup> títulos de notícias do jornal A Tribuna, do Espírito Santo, nos anos de 2013 e 2014, e desenvolveram uma pesquisa a respeito da representação da mulher em situação de violência, a fim de observar as estruturas discursivas (sintaxe e léxico) e as estratégias semânticas (semântica global, semântica local e dispositivos retóricos) para comprovarem a tese de que os títulos apenas reforçam estereótipos e crenças machistas sobre o papel da mulher na sociedade e como deve ser o seu comportamento. As autoras concluíram que as estruturas do discurso utilizadas pelo jornal podem manipular a interpretação do leitor, favorecendo o agressor e legitimando o crime de violência contra mulher. Assim, defenderam que, nos títulos das notícias, é possível identificar estruturas discursivas atuantes na disseminação de uma ideologia machista capaz de condenar a mulher pela agressão e promover a justificativa para a violência.

No contexto de produção da pesquisa desenvolvida por essas pesquisadoras, o Espírito Santo liderava o *ranking* nacional de feminicídio, segundo o Mapa da Violência 2012 (WAISELFISZ, 2012). Na versão do mapa, produzida em 2015, o estado passou a ocupar o segundo lugar e Roraima assumiu a primeira posição, com maior índice de homicídios de mulheres (15,3 mortes a cada cem mil mulheres) com taxas quadruplicadas nessa estatística desde 2006 (WAISELFISZ, 2015).

Uma observação mais detalhada das edições do Mapa da Violência mostra que, desde os dados apresentados na edição de 2010 (WAISELFISZ, 2010), os estados de Roraima e Espírito Santo alternaram a liderança do *ranking* nacional de homicídios de mulheres, mas não há dados sobre feminicídios, já que, até 2015, essa tipificação de crime não era sequer cogitada, e todas as mortes violentas das mulheres eram tratadas como homicídios dolosos, como já dito neste artigo.

---

<sup>8</sup> Os cinquenta títulos de notícia pertencem a um acervo de em torno de novecentos títulos de notícias compiladas pelos pesquisadores do Grupo de Estudo sobre Discursos da Mídia (GEDIM/ PPGEL/ UFES).

Diante dos índices e, entendendo a mídia como uma importante influenciadora social (HERNANDES, 2012), objetivamos identificar as estruturas discursivas (sintaxe e léxico) e as estratégias semânticas (significado global e significado local) utilizadas nos títulos de notícias do jornal Folha BV *online*<sup>9</sup>, um jornal de grande circulação no estado de Roraima. Mais especificamente, queremos verificar se há construções que, para além da informação, criam ou ratificam crenças e estereótipos sobre a violência contra mulher em nossa sociedade. Isto é, como essa violência é descrita pelo jornal e como os atores sociais são representados. Também procuramos analisar, em termos comparativos, se os títulos de notícias do jornal folha BV *online* de Roraima, assim como os do jornal A Tribuna do Espírito Santo, conforme atestado por Tomazi; Rocha; Ortega (2016), propagam uma ideologia machista na abordagem do tema nos títulos de notícias jornalísticas, ao fazer uso de construções na voz passiva, de justificativas para o ato de violência e escolhas lexicais que estigmatizam a mulher em situação de violência.

A metodologia utilizada neste artigo é de base quali-interpretativa, uma vez que partimos do concreto (títulos de notícia sobre casos de violência contra mulher) para o abstrato (constatações a respeito da ideologia machista em notícias sobre violência contra mulher) e de casos particulares (quarenta e seis notícias do jornal Folha BV *online*) para conclusões gerais a respeito da construção de notícias sobre o tema em questão nos títulos de notícia do jornal BV *online*. Além disso, adotamos um método comparativo na análise quali-interpretativa, a fim de relacionar os dados obtidos nesta pesquisa com a de Tomazi; Rocha; Ortega (2016) sobre os títulos de notícia do jornal A Tribuna.

Para alcançar o objetivo proposto, foram selecionados quarenta e seis (46) títulos de notícias sobre violência contra mulher, veiculadas pelo jornal Folha BV *online*, no período de julho de 2014 a dezembro de 2016, o que representa apenas um por cento (1%) do total de 4608 notícias criminais encontradas na página policial do jornal Folha BV *online*. Logo, percebe-se que o tema ainda não é devidamente divulgado, mesmo com o aumento de 300% no número de notícias após a divulgação do Mapa da Violência 2015<sup>10</sup>. Vale ressaltar também que, inicialmente, objetivamos a análise de títulos de notícias entre os anos de 2013 e 2014, no intuito de relacionar os dados obtidos pelo Mapa da Violência 2015 (WAISELFISZ, 2015) às notícias publicadas no período do qual se referenciam os índices, no entanto, só

---

<sup>9</sup> FOLHA BV. Polícia. Disponível em: <<http://www.folhabv.com.br/>>. Acesso em 18 de julho de 2017.

<sup>10</sup> Vale ressaltar que, apesar do aumento no número de casos divulgados pela mídia, houve uma redução de 48% do número de casos de violência física notificados pelo Centro Humanitário de Apoio à Mulher (CHAME) em 2016, como noticiado pelo portal G1 em 30 de dezembro de 2016.

encontramos seis referentes a tal período. Esse dado nos chamou atenção, uma vez que, só em 2013, o Grupo de Estudos sobre Discurso da Mídia (GEDIM/ PPGEL/ UFES)<sup>11</sup> coletou um total de aproximadamente 500 notícias relacionadas à violência (NATALE, 2015; TOMAZI; NATALE, 2015; SOUZA, 2015).

Salientamos que a opção pela análise de títulos ocorreu por considerarmos os títulos das notícias como elementos de cunho textual-discursivo cuja natureza é importante à disseminação de crenças e ideologias, já que, conforme Gradim (2000), as informações são dispostas por ordem de importância, isto é, as primeiras informações, contidas no título, são as mais relevantes para a compreensão do fato retratado na notícia. Nesse sentido, apesar de serem considerados pelo senso comum como meramente informativos, os títulos de notícias precisam convencer o leitor a prosseguir no texto. Para lograr êxito nesse propósito comunicativo, o jornalista utiliza estratégias de sedução ou de opinião, possibilitando, assim, que a instituição guie a construção dos julgamentos acerca do tema antes mesmo de se começar a leitura da notícia (VAN DIJK & KINTSCH, 1983).

O aporte teórico para este artigo encontra respaldo na proposta sociocognitiva da Análise Crítica do Discurso (ACD), de Van Dijk (2010,2012), em diálogo com os modos de operação de ideologia propostos por Thompson (2002). Além disso, buscamos apoio nas pesquisas realizadas por Tomazi; Natale (2015) e Lazar (1993, 2005), a fim de compreender a abordagem do tema violência contra mulheres nas mídias jornalísticas.

Para organizar este artigo, partimos da apresentação de algumas considerações a respeito da relação entre violência contra mulher e mídia jornalística. Posteriormente, abordamos os conceitos provenientes da ACD sociocognitiva, em diálogo com os modos de operação de ideologia. Em seguida, analisamos o *corpus* coletado, comparando-o aos resultados e às conclusões apontadas por Tomazi; Rocha; Ortega (2016) para, em seguida, tecermos algumas considerações finais.

### **Violência contra mulher e mídia jornalística**

Considerando a importância de se refletir sobre a maneira como o tema da violência contra mulheres é apresentado na mídia jornalística, é preciso circunscrever a perspectiva de gênero social considerada neste artigo, já que, para nós, essa violência tem raízes históricas e

---

<sup>11</sup>O Grupo de Estudos sobre Discursos da Mídia (GEDIM/ PPGEL/ UFES), coordenado pela Profa. Dra. Micheline Mattedi Tomazi, realiza pesquisas desde 2012 sobre as relações de poder, bem como as ideologias de gênero, violência de gênero e sexismo presentes em mídias jornalísticas e em outras esferas midiáticas.

culturais com crenças e estereótipos que permeiam os imaginários dos membros de nossa sociedade sobre o ser mulher e o seu papel social.

O tema gênero social é de suma importância e não seríamos capazes de apresentar uma discussão consistente em apenas alguns parágrafos disponíveis. Da mesma forma, a influência ou não da mídia jornalística na sociedade é um tema caro a muitos pesquisadores. Entre essas duas áreas de interesse, está o problema social da violência contra mulher e como ela é representada. Entendemos como interessante destacar que esse diálogo multidisciplinar é comum a pesquisadores em ACD, portanto procuramos apenas apresentar os conceitos básicos que nos servirão para compor o objeto de observação e pesquisa, ou seja, os títulos das notícias.

A visão feminista tradicional de gênero surgiu com Simone de Beauvoir e sua célebre frase: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Butler (2016), em 1990, ampliou essa visão a partir da noção de performatividade. Para ela, “se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira” (BUTLER, 2016, p. 26). A performance, portanto, mostra-se como um efeito instituído, mantido e repetido no e pelo corpo, não um conjunto de processos socioculturais localizados em corpos sexuados. Butler (2016) defende que o gênero é socialmente construído, de modo que a noção de gênero é, assim, regulada por normas sociais.

Também Scott (1995) apresentou a questão do gênero não como uma construção atrelada às características biológicas, sob a qual a mulher é vista como inferior, mas como uma construção social. A autora problematiza os conceitos de “homem provedor” e de “mulher dependente”, apontando-as como uma criação social na qual, acima das questões fisiológicas, o homem e a mulher se definem a partir de seus papéis próprios, determinados socialmente. As categorias “homem” ou “mulher”, portanto, são vazias de significado.

Ainda que o gênero não se encontre como forma única de articulação do poder, é a primeira instância dentro da qual, ou por meio da qual, o poder se articula. Scott (1995) afirma que os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização social, influenciando as concepções, as construções, a legitimação e a distribuição do próprio poder.

É nesse sentido de construção social do gênero que propomos o diálogo com a mídia jornalística, já que ela se constitui como um lugar onde as relações de poder baseadas no gênero social podem se reafirmar, tanto no âmbito social, quanto cultural. É preciso refletir sobre o fato de que os próprios jornalistas pertencem a uma cultura machista e, mesmo que tenham o intuito de informar e afirmem a suposta imparcialidade da mídia jornalística,

estamos diante de dois problemas: o mito da imparcialidade e a cultura machista<sup>12</sup>. Assim, mesmo que inconscientemente, ao produzir o título, ao topicalizar determinada informação sobre um caso de violência contra mulher, o jornalista deixa marcas de seus valores e opiniões.

Tomazi e Natale (2015) demonstraram, por meio de uma pesquisa sobre violência contra mulher nas notícias dos jornais A Gazeta e A Tribuna, que a mídia jornalística estereotipa o agressor em uma determinada classe social e raça. Desse modo, contribui-se para um isolamento da questão, tornando-o como um problema “dos outros”. As autoras mostram que, apesar dessa consequência, traçar o perfil do agressor, pode ajudar, por exemplo, a muitas mulheres tomarem consciência da situação de risco em que vivem e incentivá-las a efetuar uma denúncia.

Além disso, Lazar (2005), na defesa de uma Análise do Discurso Feminista, ou seja, um estudo do discurso que privilegia as formas pelas quais as relações de poder hegemônicas a respeito do gênero social são discursivamente produzidas e de que modo podem favorecer os homens e excluir as mulheres como grupo social, realizou uma pesquisa sobre propagandas governamentais de Singapura que incentivavam o matrimônio e a vida em família. Nessa pesquisa, a autora observou que determinadas estruturas discursivas utilizadas podem contribuir para disseminar sutilmente uma ideologia machista.

Ainda sobre a mídia, Moita Lopes (2006, p.135) destaca a importância do seu papel “na construção da vida contemporânea com base no que ela faz circular”. Dessa maneira, construir títulos de notícias com um discurso que minimiza o problema social da violência contra a mulher – seja pela culpabilização da mulher, seja pelo apagamento do agressor, seja pela individualização do crime ou pela sua naturalização – é uma excelente forma de reforçar uma cultura machista e patriarcal na sociedade.

Postas essas questões que relacionam a mídia e a problemática da violência contra mulheres, passaremos para o próximo tópico, a fim de discutir a base teórica que sustentam este artigo.

### **A tríade sociocognitiva da ACD e os modos de operação de ideologia**

Van Dijk (2010, 2012) propõe a linha sociocognitivista da ACD, baseando-se, sobretudo, na tríade discurso-cognição-sociedade, pois defende que a sociedade e o discurso

---

<sup>12</sup> Na maioria das notícias, o produtor responsável é um jornalista. No entanto, mesmo que a notícia fosse assinada por uma mulher, sabemos que em nossa sociedade patriarcal existem mulheres tão ou mais machistas que os homens.

só podem se relacionar por uma interface cognitiva. É importante esclarecer como o autor define cada um desses termos, discurso, cognição e sociedade.

Para van Dijk (2010), o discurso é o acontecimento comunicativo, ou seja, a interação verbal, os textos escritos, os gestos e as imagens, o que evidencia uma abordagem multimodal do discurso. A cognição, por sua vez, trata-se de uma propriedade constituída individual e socialmente, uma vez que as interações sociais podem agir sobre ela, bem como os processos individuais. Diante disso, a cognição diz respeito às crenças, aos objetivos, às emoções e às avaliações. Por fim, o termo “sociedade” trata da construção humana, resultado de interações negociadas por atores sociais, ou seja, compreende os grupos sociais, conjunto de indivíduos que partilham uma cultura e interagem entre si para formar uma comunidade regida pelos seus interesses e objetivos.

Nessa concepção, o discurso, a cognição e a sociedade constituem uma tríade na qual todos os elementos são interdependentes. Não é possível compreender o discurso desconsiderando o processo cognitivo de produção do conhecimento e de apropriação de ideologias e crenças presentes na sociedade, já que, para esse autor, é necessário reconhecer as práticas discursivas que institucionalizam a sociedade e quais cognições sociais permeiam essas práticas.

Desse modo, destacamos algumas estruturas do discurso para análise sociocognitiva da ACD (VAN DIJK, 2010). As estruturas discursivas selecionadas para este artigo dizem respeito às escolhas lexicais e às construções sintáticas capazes de promover uma imagem negativa da mulher e descentralizar a responsabilidade da agressão. Determinadas escolhas lexicais, tais como associar a mulher e/ou agressor a sua profissão, deslocam o papel do ator social responsável pelo delito. Por exemplo, não é o homem no papel de “mecânico” que agrediu, mas sim na posição de (ex-) marido, namorado etc. Da mesma forma, estruturar um título de uma notícia em voz passiva, topicaliza a mulher e, quando não ausenta o agressor, coloca-o em posição secundária na organização da frase. As estratégias semânticas, por sua vez, são estruturas discursivas que correspondem ao significado local (de uma oração), em contexto oracional, e ao significado global (do discurso), que faz referência ao discurso e à topicalização acima mencionada.

Partindo das análises das estruturas comentadas, é possível investigar as estratégias que atuam no cognitivo, mais especificamente, na construção das formas de ideologias machistas e na construção de estereótipos sociais. Para sintetizar melhor os conceitos

mencionados, optamos por adotar o quadro explicativo desenvolvido por Tomazi; Rocha; Ortega (2016):

**Quadro 1 - Quadro das estratégias semânticas**

**Estruturas Discursivas**

**Léxico:** seleção de palavras que pode ser mais ou menos negativa sobre as mulheres ou positiva sobre os homens (por exemplo, “marido” versus “agressor”)

**Sintaxe:** (des)enfatizar a responsabilidade pela ação do agressor, como, por exemplo, ao utilizar estruturas de passiva versus ativas.

**Fonte:** Tomazi, Rocha e Ortega (2016, p.49).

**Quadro 2 - Quadro das estruturas discursivas**

**Estratégias Semânticas**

**Significado local (de uma oração):** o jornalista pode ser vago ou indireto sobre o ator da agressão e detalhado sobre as condutas das mulheres, conduzindo o leitor a crer que elas instigaram a violência.

**Significado global do Discurso (tópicos):** selecionar ou enfatizar tópicos positivos para os homens e negativos para as mulheres.

**Fonte:** Tomazi, Rocha e Ortega (2016, p. 49).

É importante ressaltar a definição de ideologia adotada por ambos os teóricos utilizados neste artigo. Para Thompson (2002, p. 79), é preciso “conceituar ideologia em termos das maneiras como o sentido, mobilizado pelas formas simbólicas, serve para estabelecer e sustentar relações de dominação”, enquanto, para van Dijk, a ideologia é “uma forma de cognição social e é entendida com uma estrutura cognitiva complexa que controla a formação, transformação aplicação de outros tipos de cognição social, tais como o conhecimento, as opiniões e as posturas, e de representações sociais” (VAN DIJK, 2010, p.48).

Em diálogo com as estratégias semânticas e as estruturas discursivas, destacamos a contribuição de Thompson (2002), ao tornar didática uma organização dos meios de operação da ideologia, definindo cinco dispositivos pelos quais a ideologia opera e, também legítima, mantém e estabelece as relações de poder e de dominação. São eles: legitimação, unificação, dissimulação, fragmentação e reificação. É importante destacar que, para o autor, esses cinco modos não são únicos, nem atuam independentemente, podendo se sobrepor e se reforçar mutuamente.

Neste artigo, focamos nos modos dissimulação e reificação, bem como nas estratégias de construção simbólica apontadas pelo autor nos dispositivos destacados: eufemização, naturalização e passivização, a fim de observar se há uma construção ideológica machista e como essa representação sustenta as relações de dominação.

A dissimulação corresponde à ocultação ou à negação das relações de dominação, por meio de processos que desviam a atenção ou ignoram processos e relações existentes. Para se efetuar tal modo de operação, são adotadas estratégias de deslocamento, reorganização de termos e expressões, conferindo-lhes maior ou menor importância, eufemização, amenização das características/attitudes de um grupo ou ênfase na dos outros, e/ou tropo, um grupo de estratégias que correspondem a usos figurativos da linguagem como a sinédoque, a metonímia e a metáfora.

Por fim, a reificação corresponde à tentativa de se instituir uma situação transitória como permanente e natural. Esse modo de operação pode se expressar por meio de vários recursos gramaticais e sintáticos, tais como a nominalização, descrições da ação por meio de nomes, como utilizar a palavra “agressão” em vez do verbo “agredir”, tornando menos importante o apontamento dos participantes envolvidos, e a passivização, estratégia que se constrói pelo uso de uma estrutura que mesmo não estando na voz passiva, dá ideia de passividade, desviando o leitor da proposta central do enunciado. A reificação ainda pode operar por meio da naturalização, ou seja, tratar como acontecimento natural o que foi construído socialmente, como o ideal de gênero feminino e masculino, por exemplo, e da eternalização, que consiste em lidar com fenômenos sócio-históricos como imutáveis.

Por meio das estruturas discursivas (sintaxe, léxico, significado global e significado local) e dos modos de operação de ideologia (reificação e dissimulação) apresentados, pretendemos observar se a ideologia machista perpassa os títulos de notícias coletadas no jornal Folha BV *online*, analisando os mecanismos pelos quais ela opera e se esses se diferem dos observados por Tomazi; Rocha; Ortega (2016) nos títulos de notícias do jornal A Tribuna, do Espírito Santo.

### **Análise dos títulos de notícias jornalísticas**

Conforme já mencionado, analisaremos quarenta e seis (46) títulos de notícias publicadas na página *online* do jornal Folha BV, entre os anos de 2014 e 2016. Vale ressaltar que optamos pela versão digital devido à facilidade de acesso para consulta, bem como por sua abrangência estadual e maior significância no estado de Roraima. O jornal da cidade de Boa Vista foi escolhido por ser uma instituição jornalística presente na capital e, também,

pelo fato de Boa Vista ser a cidade mais povoada do estado<sup>13</sup>. O Quadro 3 apresenta títulos de quarenta e seis notícias selecionadas para análise:

**Quadro 3** - Títulos de notícias selecionadas do jornal Folha BV *online* (2014-2016)

<b>Número da manchete</b>	<b>Manchete</b>	<b>Data de publicação</b>
1	Menino de 13 anos dá surra de cinturão na mãe	25/07/2014
2	Homem é preso ao ameaçar mulher e sogra com uma arma de brinquedo	14/09/2014
3	Homem ameaça a mulher e a sogra	15/09/2014
4	Mulher é morta a pancadas e asfixia	21/11/2014
5	Mulher é assassinada a facadas no Asa Branca	18/12/2014
6	Mulher é morta a tiros no Raiar do Sol	27/11/2014
7	Mulher morde marido para escapar de surra e não registra ocorrência	06/03/2015
8	Polícia prende mecânico acusado de matar mulher	30/04/2015
9	Mulher é assassinada com três tiros dentro de casa	12/05/2015
10	Filho faz mãe refém em casa no Jardim Floresta e mobiliza polícia	19/06/2015
11	Homem é levado para Delegacia por maus tratos à mãe	17/07/2015
12	Homem é condenado por tentativa de homicídio contra ex-mulher	12/08/2015
13	Mulher é assassinada e corpo é jogado em fossa	12/09/2015
14	Três mulheres são assassinadas só este final de semana	13/09/2015
15	Duas mulheres são mortas e companheiros são suspeitos	14/09/2015
16	Sargento da PM é acusado de ferir ex-mulher, oficial dos Bombeiros	07/11/2015
17	Após brigar com esposa, homem atea fogo na casa	15/02/2016
18	PM prende suspeito de assassinar mulher no banheiro de casa	23/02/2016
19	Mãe assassinada tinha vindo de Manaus para cuidar do filho	07/03/2016
20	Filho é preso após atingir a mãe com golpes de terçado	07/03/2016
21	Filho assassina mãe a golpes de terçado no bairro Araceli	08/03/2016
22	Suspeito de matar ex-mulher é preso em Iracema	28/03/2016
23	Mecânico é preso depois de tentar matar ex-namorada	01/04/2016
24	Foragido é assassinado depois de incendiar casa de ex-mulher	05/04/2016
25	Homem é preso por agredir mulher em Rorainópolis	06/04/2016
26	Polícia prende homem após espancar ex-mulher	25/04/2016
27	Presidiário foge sem que ninguém perceba para espancar mulher	03/05/2016
28	Mulher sofre atentado a faca e acusa ex-marido	23/05/2016
29	Homem é preso por agredir a mulher e portar simulacro de pistola	29/05/2016
30	Mulher é morta a tiros pelo companheiro	06/06/2016
31	Mulher é executada por marido que se passava por cadeirante	07/06/2016
32	Homem que matou esposa em Normandia se apresenta	09/06/2016
33	Homem é preso acusado de agredir a esposa	26/06/2016
34	Mulher é agredida por ex-marido	05/09/2016
35	Dois homens foram presos por violência doméstica	25/09/2016
36	Homem tenta matar companheira por ter negado dinheiro para drogas	28/09/2016

<sup>13</sup>O município de Boa Vista possui uma população estimada de 332.020 habitantes, enquanto o Estado de Roraima possui uma população estimada de 522.636 habitantes, segundo o IBGE cidades. Disponível: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rr/panorama>>. Acesso em 28 jun. 18.

37	Viciado ataca cunhada com terçado e leva liquidificador	12/10/2016
38	Homem é preso por agredir esposa, cunhada e criança	12/10/2016
39	Suspeito de agredir a ex-esposa é preso pela Polinter	19/10/2016
40	Acusado de violência doméstica é preso após agredir ex-esposa	20/10/2016
41	Homem é condenado a 18 anos de prisão por matar companheira	28/10/2016
42	Homem incendeia casa para tentar matar ex-esposa no Santa Teresa	02/11/2016
42	Marido agride mulher a tesouradas e a mantém trancada dentro de casa	05/11/2016
44	Homem tenta matar esposa com uma paulada na cabeça	30/11/2016
45	Mulher é morta no Jardim Primavera e principal suspeito é ex-marido	19/12/2016
46	Mulher morre após ser amarrada e sofrer violência dentro de casa	30/12/2016

No Quadro 4, comparamos os percentuais de ocorrência dos critérios de análise encontrados nesta pesquisa e na realizada por Tomazi; Rocha; Ortega (2016). A partir desses dados, organizamos a análises, separando cada estrutura discursiva e/ou modo de operação da ideologia observado, além de comparar com os encontrados no jornal A Tribuna.

**Quadro 4** - Frequência de aparecimento dos critérios de análise nos títulos de notícias do jornal A Tribuna (ES) entre 2013 e 2014 e do jornal Folha BV online (RR) entre 2014 e 2016.

Crítérios de análise	Nº de manchetes (ES/RR)	Percentual de ocorrências (ES/RR)
Significado Local	21 / 15	42 / 32%
Significado Global	21 / 5	42 / 10%
Sintaxe	36 / 34	76 / 74%
Léxico	20 / 21	40 / 45%
Dissimulação + naturalização	20 / 21	40 / 45%
Dissimulação + eufemização	21 / 40	42 / 87%
Reificação + passivização	36 / 27	76 / 59%

### Significado local/ global

Nesta seção, abordaremos como as estruturas discursivas em questão, significado global e local, apresentam-se nos títulos de notícias selecionadas, permitindo a construção de crenças que favorecem uma ideologia machista a respeito da violência contra mulheres.

Em primeiro lugar, focamos no aspecto local, ou seja, nos títulos de notícias que se referem, de forma indireta e vaga, à descrição de acontecimentos que envolveram violência contra mulheres. Nesse aspecto, obtivemos uma ocorrência apenas de 32% dos títulos de notícias selecionadas. O resultado, talvez, esteja vinculado ao fato de a maioria delas apresentar estruturas discursivas que tematizam a ação da polícia, a consequência, o modo e/ou a local da violência doméstica. Entendemos que, apesar de esses títulos de notícias não apontarem para uma culpabilização da mulher, também não distribuem a informação focando a agressão em si, como, por exemplo, nas notícias (5), (8) e (35).

Outra forma de se apresentar uma descrição vaga sobre o ator da agressão é o não uso do agente da passiva, uma vez que essa ausência exclui a indicação de quem praticou a ação violenta, como em (4), (5), (6), (14), (19) e (46). É importante ressaltar que essa ausência demonstra não só uma vagueza na descrição do agente, mas também o seu apagamento.

Ainda como significado local, destacamos títulos em que a (re)ação da mulher é evidenciada, como em (7), em detrimento da conduta do agressor. Diante disso, mesmo que ela tenha cometido o ato de morder para se livrar da “surra”, a construção do título da notícia coloca em evidência a atitude dela (consequência) em detrimento da ação do agressor (causa). Desse modo, há um apagamento da ação anterior (do agressor) que motivou a reação da mulher agredida.

Nesse título, observamos não só a articulação da semântica local, como da global (selecionar ou enfatizar tópicos positivos para os homens e negativos para as mulheres), presente na ênfase à atitude violenta da mulher ao invés de focar na agressão propriamente dita. Segundo van Dijk (2012, p.254), “[...] tendemos a ser vagos quando o assunto são as Nossas características negativas, mas somos bastante exatos quando estamos descrevendo as Deles”. A isso, o próprio autor intitula autoapresentação positiva e outroapresentação negativa, evidenciando a ocorrência do que ele denomina de quadrado ideológico da polarização discursiva. No caso (7), há uma autoapresentação positiva do agressor e uma outroapresentação negativa da mulher, além da estratégia de construção simbólica chamada de eufemização (pertencente ao modo de operação de ideologia dissimulação), ao descrever os fatos de modo a amenizar a ação do agressor.

O título de notícia (36) também explora o significado global do discurso à medida que procura justificar a ação do agressor (“por ter negado dinheiro para drogas”) e utiliza, assim como o título (37), as drogas como uma forma de desencadear a violência, sendo a mulher indiretamente culpada em ambas as situações. No título (36), por não sustentar o vício,

“sabendo o que poderia acontecer” e no (37), por se envolver com alguém que utiliza constantemente de entorpecentes, mais uma vez “sabendo o que poderia acontecer” verifica-se a recorrência das mesmas estratégias. Na construção desse título, a conduta feminina é colocada como o pressuposto para agressão, o que denota uma outroapresentação negativa.

A pouca representatividade de aparições no caso do significado global (10%), diferentemente do observado no jornal A Tribuna (42%), deu-se porque a estruturação dos títulos de notícias em análise, apesar de não serem consistentes sobre ação do agressor, apresentam poucos casos de outroapresentação negativa. Tal constatação fica evidente por meio das escolhas lexicais dessas construções, sobre o que discutiremos na seção seguinte.

### **Léxico e reificação/naturalização**

Nesta seção, focamos a análise das escolhas lexicais para construção da imagem da mulher, bem como do agressor nos títulos de notícias jornalísticas em questão. Procuramos entender se essas escolhas podem influenciar o modo de operação da ideologia pela reificação, reafirmando as relações de poder por meio da naturalização do problema da violência em si e do comportamento dos agentes estigmatizados. Referimo-nos, portanto, ao uso das palavras que dizem respeito aos envolvidos no acontecimento sobre o qual gerou a notícia.

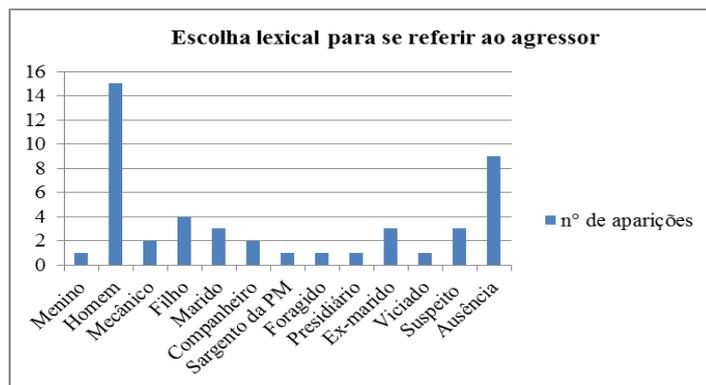
Consideramos, para esta análise, a escolha lexical da instituição jornalística como intencional, não sendo um caso de mera correferenciação<sup>14</sup>, comum nas notícias. Desse modo, entendemos que a construção social que se faz dos atores sociais, por meio do léxico, nos títulos de notícias, interfere na construção do ponto de vista do leitor frente ao caso noticiado.

Nesse sentido, buscamos observar como se deram as escolhas lexicais para a mulher e seu agressor nos títulos de notícias do jornal Folha BV *online*, contrapondo-as às encontradas no jornal A Tribuna, do Espírito Santo. No Quadro 4, notamos a semelhança de aparições na categoria léxico, contudo é preciso compreender que cada um dos jornais a explorou de forma diferente. Para tal, mostramos as escolhas lexicais adotadas pelo jornal Folha BV *online* para se referir ao agressor e, em seguida, destacamos a representação lexical da mulher.

**Gráfico 1** - Frequência de escolha lexical do jornal Folha BV online para se referir ao agressor entre os anos de 2014 e 2016.

---

<sup>14</sup> Trata-se da remissão que retoma o mesmo indivíduo ou objeto já introduzido, em função de repetições, sinônimos ou designações alternativas para o mesmo referente (KOCH, 2002, p. 46).



Observamos que, para se referir ao agressor, o jornalista, ator social responsável pela produção do discurso da notícia, apresenta escolhas lexicais diversificadas. Duas delas, contudo, ganham destaque, que são “presidiário” e “viciado”, como em (27) e (37), respectivamente. Esse destaque se dá porque, ao empregar tais palavras, reforça-se a construção de um perfil específico desse ator social. Ao referenciar o agressor como “presidiário” e “viciado”, o texto da notícia constrói uma justificativa da agressão e estigmatiza a violência contra mulher, já que os leitores podem inferir que uma mulher não deveria se relacionar com esse “tipo” de homem, levando a comentários machistas como “ela estava procurando”. Na realidade, defendemos que as escolhas lexicais utilizadas para um tema tão relevante quanto à violência contra mulher podem influenciar crenças, opiniões e atitudes dos leitores, já que se baseiam em avaliações negativas (VAN DJIK, 2012, p. 240).

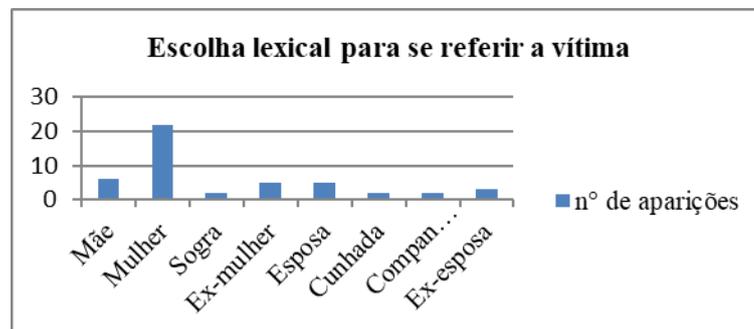
Decerto que, ao chamar o agressor de “presidiário” e “viciado”, a ação da violência contra a mulher torna-se uma consequência, isto é, algo inevitável e natural, uma vez que a sociedade estereotipa o comportamento desses indivíduos. Nesse caso, podemos notar o modo de operação da ideologia de reificação por meio da estratégia de construção simbólica naturalização, tornando uma ação que deveria ser esporádica como algo constante e aceitável.

Por outro lado, o uso da palavra “homem”, (com o maior índice de ocorrência, correspondendo a catorze títulos de notícias), não nos permite distinguir se se trata de um caso de violência contra mulher ou, por exemplo, de um assalto seguido de agressão, uma vez que oculta o real tema da notícia, ao se referenciar os participantes de forma genérica (homem e mulher) e não a partir da relação afetiva que possuem entre si. No título (25), por exemplo, a generalização, não nos permite reconhecer que se trata de um caso de violência doméstica, fato esclarecido apenas no corpo da notícia. Em (38), contudo, é possível identificar o tipo de violência praticado pela determinação da relação afetiva na descrição das pessoas envolvidas (cunhada e esposa). A escolha lexical “homem” (acompanhada da nomeação da mulher

agredida como “mulher”) coloca a violência contra mulher em segundo plano, ocasionando a eufemização da figura do agressor, bem como, da agressão.

Quanto ao léxico escolhido para representar a mulher, notamos que grande parte das palavras utilizadas diz respeito ao tipo de relação estabelecida entre eles. Sobressaiu-se, contudo, o uso de “mulher” em quase cinquenta por cento (50%) das ocorrências nos títulos das notícias. O gráfico 2 evidencia a frequência de escolha lexical do jornal Folha BV online para se referir à mulher em situação de violência nas notícias do *corpus* em análise.

**Gráfico 2** - Frequência de escolha lexical do jornal Folha BV online para se referir à mulher agredida entre os anos de 2014 e 2016.



Na pesquisa de Tomazi; Rocha; Ortega (2016), há uma variedade no modo como a mulher é referenciada, prevalecendo a escolha “dona de casa” (50%), o que, assim como notado na representação do agressor, delineia um estereótipo para a mulher: “empregada” “doméstica”, “faxineira” etc. É possível observar que a descrição da mulher nesses moldes está intrinsecamente ligada ao vínculo empregatício dela, o que contribui para a formação de um perfil de vítimas de caso de violência contra mulher. Vale ressaltar que, diferentemente dos títulos de notícias do jornal A Tribuna, os do jornal Folha BV *online* não estimulam uma designação da mulher agredida que distancia o leitor do contexto de agressão e da relação vítima-agressor, uma vez que utilizam escolhas lexicais como “mulher, esposa, companheira” para referenciar a mulher e a tratarem como vítima.

Em contrapartida, o jornal Folha BV *online* apresenta um número significativo de casos de violência contra mulher nos quais vincula o agressor a outras características irrelevantes ao caso, como a sua profissão, em (8) e (23), as passagens pela polícia, em (27), e dependências químicas em (37). Desse modo, acreditamos que o texto da notícia pode influenciar o leitor, não só pela construção de um perfil da mulher, mas também por meio da

rotulação do agressor. Em ambos os casos (mulher e agressor) foi possível notar altos índices de formas genéricas de referência, “mulher” (50%) e “homem” (32,6%). A respeito da generalização das descrições dos atores sociais, a pesquisa desenvolvida por Souza (2015) explica, com base em van Dijk (2012), que

há uma presença de duas inclinações descritivas: uma mais generalizante, menos detalhada com níveis baixos de descrição ou especificações, a outra com funções mais reveladoras e mais específicas que irá analisar o nível de completude do discurso. Quer dizer, se os dados e as informações presentes no discurso do jornal estão mais ou menos completos, se há indícios de omissão de informações ou de repetições de dados com fins enfáticos (SOUZA, 2012, p. 53).

### **Sintaxe e reificação/passivização**

Nesse item analisamos os títulos de notícias que se enquadram nos critérios de sintaxe e reificação/passivização. Entendemos que o uso de determinadas formas gramaticais, com ênfase as vozes verbais, sobretudo a voz passiva, pode contribuir para construção ideológica machista e para sustentar as relações de dominação.

Assim como constatado por Tomazi; Rocha; Ortega (2016), obtivemos um maior número de estruturas na voz passiva prototípica e não prototípica<sup>15</sup>, totalizando vinte e sete ocorrências. A construção sintática da voz passiva faculta a presença de um agente responsável pela ação (ausente nos títulos 13 e 19, por exemplo), ao passo que torna obrigatório um sujeito paciente, topicalizando a vítima da ação e não o agente. Dessa forma, ao fazer uso dessa construção, o jornalista altera o foco sobre o caso de violência contra a mulher, colocando a mulher em evidência e ocultando/deixando em segundo plano o agressor. Essa escolha linguística favorece o autor da agressão, por meio da amenização da culpa, e com isso, contribui para o reforço de uma ideologia machista na sociedade.

A presença da voz passiva foi relevante nas pesquisas realizadas em ambos os estados, como é perceptível nos índices de passivização (76% para o Espírito Santo e 59% para Roraima). Uma das possíveis razões para esse fenômeno pode ser a forte adesão dessa estratégia no discurso jornalístico. A intencionalidade dessa construção, contudo, passa despercebida pelo público leitor, justamente pela naturalização dessa forma sintática no cotidiano. Além dos dezessete casos mencionados, destacamos um título de notícia na voz ativa (28), mas com uma ideia de passividade devido ao uso do verbo sofrer, já que se pressupõe que o sofrimento foi causado por outrem.

---

<sup>15</sup> Vide classificação em Tomazi; Rocha; Ortega (2016).

Quanto ao uso da voz ativa, obtivemos dezessete títulos de notícias. Apesar do número expressivo de aparições, não podemos afirmar que há ausência de estratégias para desviar o foco da agressão em si, bem como do agressor. Desses títulos, por exemplo, três possuem o sintagma nominal “polícia” na posição de sujeito, (8, 18 e 26), o que produz uma eufemização da violência praticada, já que privilegia a ação da polícia. Igualmente interessantes são os títulos que apresentam a mulher na posição de sujeito, “mulher” e “mãe”, como em (19) e (28), respectivamente, enfatizando uma atitude violenta da mulher, ao invés de focar na violência que provocou tal atitude (como já discutido no item Significado local/ global). Nesse caso, há uma autoapresentação positiva do agressor e uma outroapresentação negativa da mulher que foi agredida, além da estratégia de eufemização, ao descrever os fatos de modo a amenizar a ação do agressor.

### **Dissimulação/ eufemização**

Neste tópico, abordaremos como o modo de operação dissimulação, evidenciado na estratégia de eufemização, apresenta-se nos títulos de notícias do jornal Folha BV *online*, interferindo na construção do ponto de vista dos leitores frente aos casos noticiados de violência contra mulher. Desse modo, por meio de estratégias múltiplas de eufemização, o jornalista pode propagar notícias que parecem narrar casos de violência contra mulher, mas disseminam outras informações que fogem do propósito inicial: a agressão.

Consideramos que o significado global, o significado local, o léxico e a sintaxe se relacionam diretamente com o modo de operação de ideologia denominado eufemização, ao possibilitarem, como vimos nos itens anteriores, a evidência de outros elementos (sobretudo a mulher agredida) ao invés da agressão em si. Diante disso, ao utilizar a voz passiva (principalmente com o apagamento do agente), ao nomear o agressor pela sua atividade profissional, ou ainda pelo vocábulo generalizador “homem” e, ao promover a autoapresentação positiva e a outroapresentação negativa, podemos observar a estratégia de construção simbólica eufemização. Devido à amplitude de formas de atuação da eufemização, obtivemos um alto índice de ocorrências (87%) nos títulos de notícias selecionadas do jornal Folha BV *online*.

Outro fator que ocasionou essa alta porcentagem foi a maneira como se distribuem os pontos fundamentais da composição da notícia (Quem? Como? Onde?). As estruturas discursivas de tempo, de modo e de lugar se apresentam na maioria dos títulos selecionados, ocasionando uma aparente completude na descrição do caso. Isso promove no leitor uma

sensação de saciedade informativa, contudo a figura do agressor pode ser ocultada sem a percepção do leitor, como no exemplo “Mulher é assassinada a facadas no Asa Branca”. Obtivemos um índice de 17% do *corpus* que apresenta essa estratégia, que, além de propiciar o esquecimento do agressor, também circunscreve os casos de violência contra mulher em determinadas regiões geográficas. É importante destacar que não afirmamos que tais informações são irrelevantes, apenas que elas podem interferir na construção do ponto de vista do leitor acerca dos casos concretos sobre violência contra mulher.

Além disso, obtivemos quinze ocorrências em que o agressor está na posição de sujeito paciente da oração, com em (41). Casos como esse evidenciam a ação da polícia. Neles notamos uma dupla eufemização nesses específicos títulos de notícias, uma causada pela passivização e outra pela eufemização da agressão. Relevante dizer, a título de comparação, que esse tipo de estrutura discursiva não foi encontrado por Tomazi; Rocha; Ortega (2016).

É importante destacar também que observamos maior recorrência às estratégias que descentralizam a agressão em si, o que explica o alto índice encontrado para eufemização (87%) e passivização (59%) e menor ocorrência de mecanismos que promovem a depreciação da mulher agredida, o que se revela no pequeno percentual encontrado referente ao Significado Global (10%). Defendemos que isso acontece porque os títulos de notícias do jornal Folha BV *online*, diferentemente do jornal A Tribuna, não exploraram a ênfase em tópicos específicos da mulher para direcionar a atenção do leitor.

Vale ressaltar, ainda, que apenas um título de notícia apresenta uma tentativa de justificativa explícita da agressão (36), pois a maioria destacava o lugar e/ou instrumento utilizado para agressão, como supracitado. No Espírito Santo, por sua vez, foram registrados vinte e um casos que apresentam motivos da agressão. Observamos, nesse ponto, uma diferença na formulação dos títulos de notícias do jornal Folha BV *online* por não usarem estratégias de justificação da violência na maioria dos títulos de notícias.

### **Considerações finais**

Compreendendo a questão de gênero social como uma forma de articulação do poder, como postula Scott (1995) e como construção social performática, na esteira de Butler (2016), torna-se fundamental entender a produção do conteúdo midiático, uma vez que a mesma mídia que informa a violência pode, também, legitimá-la por meio de ideologias machistas intrínsecas ao discurso.

Após realizar as análises dos títulos de notícias, percebemos que as estruturas discursivas utilizadas pelo jornal Folha BV *online* evidenciam a disseminação de uma ideologia machista, apesar de operada de modos diferenciados, quando comparadas ao observado na pesquisa de Tomazi; Rocha; Ortega (2016). O jornal A Tribuna privilegiou a caracterização da mulher, bem como procurou fornecer os motivos da agressão. Desse modo, observamos que o método desse jornal se pauta na depreciação da mulher para desviar o foco do agressor, estereotipando a mulher que sofre violência doméstica. O jornal Folha BV *online*, por sua vez, optou por um método de desvio mais sutil ao reorganizar a estrutura gramatical do título de notícia, privilegiando construções que eufemizam a violência em si, como a voz passiva ou a voz ativa com foco na ação da polícia, ao evidenciar estruturas como tempo, modo e lugar, promovendo um esquecimento da figura do agressor e ao topicalizar a ação da polícia e a consequência do delito (condenação do agressor). Em todos os casos, a agressão é colocada em segundo plano, ou seja, procura-se esconder que há violência machista ou, ao menos, amenizá-la, estruturando títulos de notícias de cunho machista e que não cumprem devidamente o papel de denúncia, mas legitimam a violência.

Baseados na abordagem sociocognitiva da ACD de van Dijk (2010, 2012), entendemos que o discurso, devido à interface cognitiva, pode interferir na construção dos pontos de vista de cada indivíduo. Desse modo, enxergamos que a manipulação midiática das notícias favorece a reincidência de comportamentos semelhantes, desrespeitosos às mulheres em diversas situações sociais, por contribuir na concepção desse evento como algo justificável e/ou normal, inerente às relações humanas. Diante disso, destacamos a relevância da continuidade dos estudos sobre violência contra mulheres, reconhecendo que o entendimento dessa questão em âmbito social depende da compreensão das estruturas discursivas, uma vez que é pelo discurso que se seduz, convence e manipula o outro.

## Referências

BRASIL. *Lei nº. 11.340, de 07 de agosto de 2006. Diário Oficial da República Federativa do Brasil.* Brasília: DF, 8 ago. 2006. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)>. Acesso em: 16 jun. 2016.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.* Civilização Brasileira: RJ, 2016.

CAMERON, D. Desempenhando identidade de gênero: conversa entre rapazes e a construção da masculinidade heterossexual. In: OSTERMAN, A. C.; FONTANA, B. (orgs.). *Linguagem, gênero, sexualidade.* Parábola: São Paulo, 2010, p. 129-149.

FOLHA BV.*Polícia*. Disponível em: <<http://www.folhabv.com.br/>>. Acesso em 18 de jul. de 2017.

G1.*Violência física contra mulher em RR reduziu 48% em 2016, diz Chame*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2016/12/violencia-fisica-contra-mulher-em-rr-reduziu-48-em-2016-diz-chame.html>>. Acesso em 23 jan. 2017.

GRADIM, A. *Manual de jornalismo*. Universidade da Beira Interior: Covilhã, 2000.

HERNANDES, N. *A mídia e seus truques: o que o jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KINTSCH, W.; VAN DIJK, T. A. *Strategies Discourse Comprehesion*. London: Academic Press, 1983.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

LAZAR, M. M. Equalizing gender relations: a case of double-talk. In: *Discourse & Society*, 4: n 4, 1993, p. 443-465.

LAZAR, M. M. (Org.). *Feminist Critical Discourse Analysis: Gender, power and ideology in discourse*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MOITA LOPES, L. P. da. Falta homem até pra homem: a construção da masculinidade hegemônica no discurso midiático. In: HERBELE, Viviane Maria; OSTERMANN, Anna Cristina; FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. *Linguagem e gênero: no trabalho, na mídia e em outros contextos*. Florianópolis: Editora da UFC, 2006, p.131-157.

NATALE, R. *A representação da violência de gênero contra mulher no Espírito Santo*. 2015. 175 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2015.

SANTOS, C. M.; IZUMINO, W. P. Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil. *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y El Caribe*, v. 16, n. 1, 2005, p. 147-164.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 25 de jun. de 2017.

SOUZA, G. L. *Um estudo crítico do sexismo: modelos mentais em notícias sobre violência contra a mulher*. 2015. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2015.

THOMPSON, J. *Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 2002.

TOMAZI, M. M.; NATALE, R. (Des) caminhos da violência de gênero no Brasil: discurso, mídia e representação social. In: DA SILVA, D. G.; PARDO, M. L. (Orgs). *Pasado, presente y futuro de los Estudios em América Latina*: homenaje a los 20 años de la Asociación Latino americana de Estudios del Discurso. Brasília: Universidade de Brasília, 2015, p. 137-155.

TOMAZI; M. M.; ROCHA; L. P.; ORTEGA, J. C. Violência machista em títulos de notícias jornalísticas. In: TOMAZI; M. M.; ROCHA; L. P.; POMPEU; J. C. (Orgs). *Estudos críticos em diferentes perspectivas*: mídia, sociedade e direito. São Paulo: Terracota Editora, 2016, p43-64.

TOMAZI, M. M. Desconstrução de face da mulher nos títulos de notícias sobre feminicídios. Revista *Interdisciplinar*, São Cristóvão, v. 31, 2019, p. 197-219.

TOMAZI, M. M. *Articulação discursiva em depoimentos sobre violência doméstica*. Relatório de Estágio Pós-doutoral em Linguística – Programa de Pós-Graduação em Linguística Universidade Federal de Minas Gerais. Rapport interne, FALE/UFMG, Belo Horizonte, 2014.

TOMAZI, M. M. *Análise crítica do discurso de estruturas sintáticas em manchetes jornalísticas sobre violência contra mulher*. Relatório de Licença Capacitação – Programa de Pós-Graduação em Linguística – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder*. São Paulo. Contexto, 2010.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e contexto*: uma abordagem sociocognitiva. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

WASELFISZ, J. J. *Mapa da violência 2010*: anatomia dos homicídios no Brasil. Brasília: UNESCO, 2015.

WASELFISZ, J. J. *Mapa da violência 2012*: a cor dos homicídios no Brasil. Brasília: UNESCO, 2012.

WASELFISZ, J. J. *Mapa da violência 2015*: mortes matadas por armas de fogo. Brasília: UNESCO, 2015.